

A CARTOGRAFIA VISUAL DOS MOVIMENTOS DAS MANIFESTAÇÕES PÓS-ELEITORAIS E A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM MOÇAMBIQUE

VISUAL MAPPING OF POST-ELECTORAL PROTESTS MOVEMENTS AND OCCUPATION OF URBAN SPACE IN MOZAMBIQUE

Bento Matias Faustino¹

Universidade Estadual Paulista

Resumo: Este estudo visa analisar a cartografia das narrativas imagéticas das manifestações pós-eleitorais em Moçambique, utilizando a cartografia sensível como método investigativo. A cartografia sensível, proposta por Deleuze e Guattari, serve como uma ferramenta para mapear e interpretar as imagens enquanto expressões das trajetórias sociais, afectos e espaços de resistência, considerando a forma como essas imagens são formas de resistência e modos de agenciamento político. O objectivo é compreender como essas imagens reflectem as tensões políticas e a identidade colectiva dos participantes, assim como suas relações com o poder e as narrativas dominantes. A pesquisa adopta uma abordagem qualitativa, empregando o método cartográfico para acompanhar e interpretar imagens amplamente disseminadas durante as manifestações. Esse método vai além da análise visual, incluindo uma leitura sensível e relacional das imagens, considerando a teoria de Michel Foucault sobre o poder e o espaço, e as contribuições de Walter Benjamin sobre a reprodução técnica da arte e a política das imagens. As imagens seleccionadas são analisadas em termos de seus símbolos, gestos e elementos visuais, permitindo uma leitura enraizada das manifestações e a inclusão de saberes locais. A análise também considera a dinâmica de poder que marginaliza certas vozes e epistemologias, especialmente aquelas provenientes das camadas populares ou minoritárias, cujo protagonismo é frequentemente silenciado nas representações hegemónicas. Os resultados revelam que as manifestações não são apenas eventos políticos, mas expressões de um campo simbólico e afectivo, onde a ocupação do espaço público se torna um espaço de construção de significados compartilhados sobre a produção do espaço. A pluralidade de perspectivas entre os participantes legitima as reivindicações e fortalece a inteligência colectiva, evidenciando a importância da memória colectiva e da crítica mediática. As imagens, ao perderem seu carácter singular, adquirem um potencial revolucionário, funcionando como instrumentos de mobilização e transformação social.

Palavras-chave: Narrativa imagética; Manifestações; Cartografia sensível.

Abstract: This study aims to analyze the cartography of the image narratives of the post-electoral

¹Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru – SP, Brasil. b.faustino@unesp.br

demonstrations in Mozambique, using sensitive cartography as an investigative method. Sensitive cartography, proposed by Deleuze and Guattari, serves as a tool to map and interpret images as expressions of social trajectories, affects and spaces of resistance, considering how these images are forms of resistance and modes of political agency. The aim is to understand how these images reflect the political tensions and collective identity of the participants, as well as their relations with power and dominant narratives. The research adopts a qualitative approach, employing the cartographic method to follow and interpret images widely disseminated during the demonstrations. This method goes beyond visual analysis, including a sensitive and relational reading of the images, considering Michel Foucault's theory on power and space, and Walter Benjamin's contributions on the technical reproduction of art and the politics of images. The selected images are analyzed in terms of their symbols, gestures and visual elements, allowing a rooted reading of the demonstrations and the inclusion of local knowledge. The analysis also considers the power dynamics that marginalize certain voices and epistemologies, especially those coming from the popular or minority classes, whose protagonism is often silenced in hegemonic representations. The results reveal that the demonstrations are not only political events, but expressions of a symbolic and affective field, where the occupation of public space becomes a space for the construction of shared meanings about the production of space. The plurality of perspectives among the participants legitimizes the demands and strengthens collective intelligence, highlighting the importance of collective memory and media criticism. By losing their singular character, the images acquire a revolutionary potential, functioning as instruments of mobilization and social transformation.

Keywords: Image narrative; Demonstrations; Sensitive cartography.

Submetido em 5 de fevereiro de 2025.

Aprovado em 17 de maio de 2025.

Introdução

As imagens possuem um poder único de comunicação universal, transcendendo barreiras linguísticas e culturais ao transmitir mensagens de forma imediata e impactante, sem necessidade de explicações verbais. Elas têm a capacidade de expressar emoções, conceitos abstratos e ideias complexas de maneira visual e tangível, provocando sentimentos, evocando memórias e estimulando reflexões profundas (Joly, 2007). Nesse contexto, Mitchell (2015) reforça que as imagens não são meramente representações visuais; elas carregam significados profundos e interagem com os espectadores de forma dinâmica, moldando percepções e construindo relações interativas.

No caso da fotografia, essa linguagem visual vai além do registro factual. Como afirma Kossoy (2002), as fotografias não se limitam a congelar aparências no tempo, mas

criam uma segunda realidade carregada de significados estéticos e ideológicos. Essa natureza polissêmica das imagens fotográficas as torna abertas a diversas interpretações.

As imagens das manifestações pós-eleitorais em Moçambique transcendem a dimensão política, configurando-se como expressões socioculturais complexas que se revelam nas imagens disseminadas nesses contextos. O uso do método cartográfico, consistiu em mapear as trajetórias, territorialidades e resistências das manifestações vivenciadas em Moçambique no período pós-eleitoral. A outra razão do uso da cartografia enquanto prática investigativa, permitiu acompanhar os fluxos e intensidades que compõem o tecido social das manifestações, evidenciando as micropolíticas em curso.

Haraway (1995) defende que a objetividade científica não é neutra, mas atravessada por dinâmicas de poder que marginalizam determinados sujeitos e epistemologias. Ao reconhecer os saberes locais e situados, abre-se espaço para uma leitura mais enraizada das manifestações, permitindo que as vozes subalternas ressignifiquem os espaços urbanos como territórios de luta e afirmação. As manifestações pós-eleitorais, nesse contexto, não são apenas eventos políticos, mas expressões de um campo de disputa simbólica e afetiva. A integração desses saberes na análise das imagens das manifestações amplia as possibilidades interpretativas e fortalece uma abordagem epistemologicamente plural.

Alteridade e mobilizações sociais na esfera pública interconectada

A alteridade, enquanto conceito fundamental na análise das manifestações sociais, contribui para a compreensão das relações entre os sujeitos envolvidos nesses processos. Barros (2018) destaca que a alteridade implica o reconhecimento do Outro e das diferenças que moldam as identidades individuais e coletivas. Ao analisar as manifestações, a perspectiva da alteridade revela como as diferenças culturais e sociais são articuladas nas imagens que circulam nas redes sociais, promovendo novas formas de encontro e resistência.

Com o avanço das tecnologias digitais, as mobilizações sociais passaram a operar em uma esfera pública interconectada (Silveira, 2008), onde as redes sociais

desempenham um papel crucial na difusão de narrativas e na articulação de movimentos. Barros (2018) argumenta que a internet transformou o ativismo, permitindo que vozes marginalizadas ganhem visibilidade e influenciem a opinião pública global. A viralização de imagens das manifestações pós-eleitorais em Moçambique ilustra essa dinâmica, mostrando como as redes digitais amplificam as demandas sociais e políticas.

Na esfera pública dominada pelos *mass media*, é visível que os cidadãos têm menos recursos diante do gigantesco poder económico dos controladores dos canais de comunicação. No cenário dominado pelos *mass media*, o capital controla o lado a emissão e os canais de transmissão Silveira, 2008, p. 32. No cenário digital, da forma como internet foi estruturada, o capital controla a infra-estrutura de conexão, as não controla os fluxos de informação, nem consegue determinar as audiências (Silveira, 2008, p. 34).

Silveira (2008) analisa como a interconexão promovida pela internet favorece a formação de comunidades que se organizam em torno de interesses comuns, fomentando a mobilização social. Esse modelo, ao desafiar os paradigmas hierárquicos de controle da media, fortalece o potencial democrático e permite que vozes anteriormente marginalizadas ganhem espaço no debate público.

Braga (2006) destaca o papel da media e das tecnologias digitais na formação de uma sociedade crítica e participativa. Esses dispositivos, que incluem cineclubes, websites de crítica e redes sociais, permitem que o público se engaje de forma activa no processo de crítica e análise da media, transformando o espectador em participante activo na construção do discurso público. Braga sublinha a importância desses espaços para responsabilizar a media por suas produções e garantir que os meios de comunicação atendam às demandas e expectativas da sociedade.

Ventura e Rodarte (2024) enfatizam que o consumo mediático não ocorre de maneira passiva; pelo contrário, o público actua como agente activo, apropriando-se e ressignificando as mensagens mediáticas a partir de suas vivências. Esse processo de interacção revela-se crucial na compreensão das manifestações pós-eleitorais, onde as imagens e vídeos que circulam nas redes sociais não apenas documentam, mas também preformam e reconfiguram os acontecimentos.

Benjamin (1955) analisa como a reprodutibilidade técnica das imagens transforma profundamente sua função social e política. A possibilidade de reprodução desloca o

status das imagens de objectos únicos para ferramentas acessíveis e multiplicáveis, com impactos na experiência colectiva e na esfera política. Esse processo democratiza o acesso às imagens e, ao mesmo tempo, retira delas a aura de exclusividade, permitindo que sejam mobilizadas em narrativas políticas e acções colectivas. Ao perder seu carácter singular, as imagens adquirem um potencial revolucionário, funcionando como instrumentos de mobilização e transformação social.

Rancière (2012) destaca o papel das imagens na redistribuição do sensível, ou seja, na organização das percepções e significados em uma sociedade. As imagens não são elementos neutros ou passivos, mas agentes que moldam as formas de ver, ouvir e pensar. As imagens podem tanto reforçar hierarquias estabelecidas quanto desafiá-las, dependendo de como são apropriadas pelos sujeitos. Essa ambiguidade torna as imagens centrais na reconfiguração do espaço público e na construção de novas formas de visibilidade e participação política.

Procedimento cartográfico aplicado à análise das imagens dos conflitos pós-eleitorais em Moçambique

Neste ensaio, o método cartográfico, inserido na perspectiva da pesquisa qualitativa, se configura como uma abordagem que visa mapear, acompanhar e interpretar as imagens enquanto expressões de trajectórias sociais, afectos e espaços de resistência (Ventura; Rodarte, 2024). As imagens escolhidas apresentam símbolos, gestos e elementos visuais que evocam significados profundos relacionados às tensões políticas, às manifestações de descontentamento e às expressões de identidade colectiva. Foram priorizadas imagens amplamente disseminadas, que geraram grande volume de interacções.

A aplicação do método cartográfico na análise das imagens dos conflitos pós-eleitorais em Moçambique permitiu vislumbrar como as visualidades digitais se transformam em espaços de disputa e construção de memórias colectivas. Ao cartografar as trajectórias das imagens e seus desdobramentos afectivos, a pesquisa oferece uma

leitura aprofundada sobre o papel das redes sociais na configuração do debate público e na afirmação de identidades políticas.

No contexto dos conflitos pós-eleitorais em Moçambique, após as VII eleições gerais realizadas em Moçambique, em 9 de Outubro de 2024, representaram um marco político significativo, englobando a escolha do Presidente da República, dos Deputados da Assembleia da República, dos membros das Assembleias Provinciais e dos Governadores de Província, a análise das imagens que circularam nas redes sociais, especialmente no Facebook, permite compreender não apenas os eventos visíveis, mas também os discursos subjacentes e as dinâmicas de poder e contestação que emergiram nesse período.

Contudo, o processo eleitoral foi acompanhado de tensões intensas, culminando em conflitos pós-eleitorais com graves implicações, incluindo a perda de vidas humanas. Essas eleições desempenharam um papel central no fortalecimento da democracia multipartidária no país, sendo monitoradas atentamente por actores internos e pela comunidade internacional, que as consideraram uma oportunidade para consolidar os avanços democráticos e promover maior estabilidade política.

Entretanto, o período pré-eleitoral foi marcado por uma crescente polarização entre os principais partidos políticos, alimentada por acusações mútuas de irregularidades, uso indevido de recursos públicos e disseminação de desinformação. No período pós-eleitoral, esse cenário se agravou com protestos generalizados e denúncias de fraude eleitoral, resultando na contestação dos resultados oficiais por grupos de oposição. As acusações de manipulação do apuramento intensificaram a desconfiança pública nas instituições eleitorais, transformando-se rapidamente em manifestações passivas em conflitos violentos.

Esses confrontos resultaram em perdas humanas significativas, com relatos de mortes entre civis e agentes de segurança, além de deslocamentos internos. As dinâmicas do conflito transcenderam as disputas eleitorais imediatas, evidenciando tensões latentes relacionadas a desigualdades socioeconómicas e exclusão política. As manifestações pós-

eleitorais que resultaram em conflitos violentos, expôs desafios estruturais na gestão de processos democráticos em contextos fragilizados por divisões históricas.

Trajectórias e fluxos dos movimentos de manifestantes e a ocupação do espaço urbano em Moçambique

As fotografias captadas durante as manifestações em Moçambique revelam as dinâmicas dos movimentos sociais e a interacção dos manifestantes com o espaço urbano. Em um contexto marcado por desafios políticos, económicos e sociais, as manifestações têm sido um canal de expressão colectiva, e as imagens desempenham um papel fundamental na compreensão da ocupação e reconfiguração dos espaços urbanos durante esses eventos.

Fotografia 1: Confronto com a polícia



Nota: Eleições 2024 [Fotografia], por Simião Chauque, Dezembro, 2024 | [Facebook](#)

A primeira fotografia evidencia o conflito directo entre os manifestantes e forças policiais. A postura ofensiva do agente lançando o gás lacrimogénio, em meio a destroços e pequenos focos de incêndio, representa a escalada da violência. Há uma fragmentação do espaço urbano, reforçando a sensação de desordem. A presença de civis correndo ao

fundo contrasta com a figura do policial, simbolizando a disparidade de poder e a repressão.

Fotografia 2: Pneus em chamas na rua



Nota: Manifestações pós-eleitorais [Fotografia], por RFI Kiswahili, Novembro, 2024 | [Facebook](#)

A segunda fotografia apresenta um cenário de protesto mais intenso, com pneus em chamas, bloqueio de vias e um indivíduo em acção. O fogo simboliza revolta, resistência e destruição, enquanto a fumaça densa obscurece a visibilidade. De acordo com Halbwachs (1968) a memória é essencialmente social e ganha forma por meio das interacções dentro de grupos.

O acto de atear fogo e bloquear vias transcende a acção individual e evoca uma memória colectiva compartilhada pelos participantes e observadores. Esses elementos materiais – o fogo e a fumaça – são carregados de significados que remetem a lutas passadas e à resistência contra injustiças históricas. No contexto do protesto, essa memória colectiva se manifesta como uma reafirmação de valores comuns e um chamado

à acção, conectando o presente a narrativas de resistência e revolta que são fundamentais para a identidade do grupo.

Fotografia 3: Graduadas no meio da rua



Nota: Manifestações pós-eleitorais [Fotografia], por Venâncio Mondlane, Novembro, 2024 | (1) [Facebook](#)

Figura 4: Mulher sentada à máquina



Nota: Manifestações pós-eleitorais [Fotografia], por Alberto Mahumane, Novembro, 2024 | [Facebook](#)

Para Lévy (1998), o conhecimento e as acções de um grupo emergem da interacção entre seus membros. O protesto descrito na fotografia ilustra essa dinâmica: cada indivíduo que participa do bloqueio ou contribui para manter o fogo aceso desempenha um papel em uma acção colectiva maior. Essa inteligência colectiva organiza e dá sentido às acções, permitindo que os manifestantes comuniquem mensagens

poderosas e estratégicas ao público. A fumaça densa, que obscurece a visibilidade, pode ser lida como uma metáfora para os desafios de articulação e consenso em contextos democráticos, onde múltiplas vozes e perspectivas precisam ser alinhadas para a construção de um futuro comum.

Na terceira fotografia, duas mulheres em trajes de graduação posam em meio à rua, simbolizando a mistura entre a educação formal, representada pelas vestes académicas, e a cultura local, evocado pelo pilão e almofariz. Essa justaposição destaca às desigualdades estruturais que persistem mesmo entre jovens com formação académica. A presença do pilão remete às tradições locais, enquanto a faixa reivindica igualdade nas oportunidades de trabalho e justiça eleitoral, articulando uma resistência pacífica.

A quarta fotografia apresenta uma mulher sentada à máquina de costura no meio da rua, deslocando uma actividade rotineira da esfera privada para o espaço público. Este acto interrompe a normalidade e simboliza a resiliência do cidadão comum diante das tensões políticas e sociais. Segundo Kossoy (2002), a fotografia, mais do que um registro do real, é uma construção simbólica que dialoga com experiências sociais e históricas. Nesse contexto, o acto de costurar, tradicionalmente associado ao sustento e à intimidade, ganha novas camadas de significado, evidenciando a tensão entre o pessoal e o colectivo.

A manifestação descrita na quinta fotografia, onde uma multidão ocupa uma via pública para expressar descontentamento social e justiça eleitoral, pode ser interpretada como uma expressão concreta do conceito de inteligência colectiva desenvolvido por Pierre Lévy. Segundo Lévy (1998), a inteligência colectiva representa a capacidade de comunidades humanas coordenarem esforços e ideias de maneira colaborativa, transcendendo as limitações individuais e potencializando soluções para problemas colectivos.

Essa transposição do quotidiano para o público reflecte a inclusão das populações vulneráveis nos discursos de protesto. Ventura & Rodarte (2024) destacam que práticas quotidianas podem actuar como formas de resistência frente às desigualdades. A mulher trabalhadora informal se torna uma figura central, carregando em seu acto quotidiano uma denúncia contra as tensões sociopolíticas e reivindicando dignidade e reconhecimento.

Barros (2018) reforça que protestos são espaços de visibilidade e afirmação para os marginalizados, permitindo que suas vozes transcendam o silenciamento imposto pelo discurso dominante.

Figura 5: *Unidade popular na ocupação do espaço público*



Nota: 27 de Novembro: Cidade de Maputo (15h30-16h) Entoação o Hino Nacional e o Hino de África [vídeo], Venâncio Mondlane, Novembro, 2024 | [Facebook](#)

Nesse contexto, a ocupação do espaço público transcende sua dimensão física, configurando-se como um espaço simbólico onde ocorre a construção de significados compartilhados. A diversidade social representada na manifestação com jovens, trabalhadores e outros segmentos da população unidos evidencia o princípio da multiplicidade, que Lévy (1998) identifica como uma das bases da inteligência colectiva. Essa pluralidade de perspectivas não apenas enriquece o movimento, mas também legitima as reivindicações, reforçando a força da união em torno de objectivos comuns, como justiça social e igualdade.

Além disso, as estratégias deliberadas para interromper a rotina urbana demonstram a dinâmica emergente da inteligência colectiva. A coordenação e o compartilhamento de saberes e valores entre os participantes ilustram como interações

colectivas geram acções impactantes, organizadas e transformadoras. Ao agir de forma conjunta e planeada, a multidão exemplifica a subjectivação colectiva considera essencial para a construção de uma sociedade mais justa e solidária. O acto de resistência registrado na fotografia mostra como o espaço público pode ser ressignificado por meio da inteligência colectiva. Transformado em um palco de reivindicação e diálogo, ele se torna uma ferramenta de transformação social, evidenciando o poder da acção colectiva para desafiar desigualdades e buscar um futuro mais equitativo.

As fotografias analisadas apresentam um cenário cartográfico social, pois traçam um mapa simbólico dos espaços urbanos e suas transformações durante os protestos, revelando camadas de significado em torno da ocupação, das dinâmicas de circulação e dos elementos simbólicos. As ruas assumem o papel de palcos de disputa, onde o espaço público é reconfigurado por acções de protesto, marcado por ocupações de espaços de forma pacífica, assim como de forma violenta que evidenciam a intensificação da resistência, marcada pela queima de pneus e pelos confrontos com a polícia, representando a escalada de tensão.

Nesse contexto, os fluxos quotidianos são interrompidos, rompendo a normalidade do ambiente urbano. O fogo, os murros humanos, as práticas de diversas actividades nas vias públicas e as barricadas tornam-se elementos centrais que redesenham fronteiras temporárias, alterando os usos e sentidos do espaço público e criando novos parâmetros para a circulação e o movimento. Esses eventos também incorporam elementos simbólicos que reflectem as dimensões cultural, económica e política da resistência.

A cartografia emocional, que emerge nos gestos e nas acções das pessoas, transcende o espaço físico, materializando os afectos, as frustrações e as aspirações da população envolvida. Assim, as fotografias compõem uma narrativa visual complexa das manifestações pós-eleitorais em Moçambique, onde diferentes formas de protesto e resistência mapeiam tanto as esperanças quanto as tensões que caracterizam o cenário sociopolítico do país.

Considerações finais

As imagens capturam os fluxos dos manifestantes, destacando padrões de deslocamento e estratégias de ocupação. A escolha de ruas principais, praças públicas ou edifícios simbólicos como pontos de concentração reflecte a busca por visibilidade e impacto político. O movimento em massa pelas avenidas centrais, frequentemente captado por drones ou câmaras de segurança, permite traçar rotas e identificar os pontos de convergência e dispersão. Esse mapeamento visual é frequentemente utilizado tanto pelos manifestantes, para planejar futuras acções, quanto pelas autoridades, para monitorar e controlar os protestos.

As manifestações também transformam temporariamente o espaço urbano em um palco de resistência e reivindicação. Imagens mostram como os manifestantes utilizam objectos quotidianos, como barricadas improvisadas, faixas e cartazes, para marcar presença e criar barreiras físicas e simbólicas. A ocupação de praças ou vias públicas muitas vezes redefine a funcionalidade desses locais, subvertendo seu uso quotidiano em actos de protesto. As imagens frequentemente revelam a interacção entre os manifestantes e a arquitectura da cidade. Estruturas como estátuas, monumentos ou fachadas de prédios podem ser usadas como plataformas de discurso ou como símbolos a serem questionados. Em Moçambique, onde a história urbana está entrelaçada com o colonialismo e a luta pela independência, esses elementos urbanos carregam significados políticos e culturais profundos.

Com o advento de tecnologias como drones e smartphones, o registro das manifestações tornou-se mais acessível e disseminado. Essas imagens não apenas documentam os eventos, mas também permitem análises mais detalhadas, como a densidade das multidões, a relação entre manifestantes e forças de segurança, e a evolução dos protestos ao longo do tempo. A forma como as imagens mapeiam os movimentos e a ocupação do espaço urbano em Moçambique transcende o mero registro documental. Elas se tornam ferramentas de narrativa e poder, moldando a percepção pública dos eventos. Enquanto os manifestantes utilizam essas imagens para amplificar suas vozes e atrair

solidariedade, as autoridades frequentemente as empregam como instrumentos de vigilância e controle, enquanto as plataformas lucram com tudo isso.

Referências

- BARROS, L. M. D. Vozes que dão voz: mobilização, reconhecimento e alteridade na web. **In: SILVA, M. R. D.; MENDONÇA, C. M. C.; CARVALHO, C. A. D. Mobilidade, espacialidades e alteridades.** Salvador: EDUFBA, 2018., p. 185-199.
- BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.** [S.l.]: [s.n.], 1955.
- BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta a sua mídia:** Dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.
- HALBWACHS, M. **A Memória coletiva.** Tradução de Laurent Léon Schaffter. [S.l.]: EDITORA REVISTA DOS TRIBUNAIS LTDA., 1968.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, 1995., p. 07-41
- JOLY, M. **Introdução à Análise da Imagem.** Lisboa: 70, 2007.
- KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** 3. ed. Brasil: Ateliê Editorial, 2002.
- LÉVY, P. A inteligência coletiva. **Loyola**, São Paulo:, 22, 1998.
- MITCHELL, W. J. T. O que as imagens realmente querem? **In: (ORG), E. A. Pensar a imagem.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015., p. 164-189.
- RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado.** Tradução de Ivone C. Benedetti. [S.l.]: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- SILVEIRA, S. A. D. Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública. **In: NELSON DE LUCA PRETTO, S. A. D. S. Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder.** Salvador: EDUFBA, 2008., p. 31-68.
- VENTURA, J.; RODARTE, L. A Cartografia sensível na comunicação: apontamentos metodológicos. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**, 2024.